

RESUMOS EXPANDIDOS

CAMPUS GOIABEIRAS

O TRABALHO COM PESSOAS IDOSAS NA UNIVERSIDADE ABERTA À PESSOA IDOSA DO ESPÍRITO SANTO (UNAPI)

INTRODUÇÃO

A UNAPI é um programa de extensão do Departamento de Serviço Social (DSS) situado no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) que desenvolve ações de educação continuada direcionadas para a população idosa com idade igual ou superior a sessenta anos e desempenha uma função social, sendo instrumento de conexão entre sociedade e universidade, promovendo o intercâmbio entre os saberes populares e o científico.

O referido programa atua de forma multidisciplinar e estabelece parcerias com diversos departamentos da UFES (Enfermagem, Educação Física, Psicologia, Letras, Núcleo de Cidadania Digital (NCD), Engenharia Elétrica, Galeria de Arte Espaço Universitário (GAEU) e Matemática), além de parcerias com pessoas externas à universidade. Os objetivos centrais da UNAPI são contribuir para o fortalecimento da cidadania da pessoa idosa pela via da educação permanente e para a emergência de sujeitos coletivos críticos; oportunizar o desenvolvimento de ações sócio-culturais favorecedoras da construção da sociabilidade da pessoa idosa; implementar conhecimentos sobre o direito social e a cidadania, contribuindo para viabilizar o conhecimento e acesso aos direitos; fortalecer a manutenção de um espaço permanente de formação dos estudantes da UFES sobre a temática do envelhecimento.

A extensão colabora para a formação profissional ao possibilitar o contato dos estudantes com a realidade social da comunidade, e através dele, contribui para facilitar a relação teoria e prática. Constatou-se que esse processo está afinado com o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, uma vez que as ações do programa se concretizam de forma integrada e articulada às dimensões de ensino e pesquisa.

A UNAPI PÓS PANDEMIA

Após quase 3 anos ofertando atividades apenas de forma virtual, em agosto de 2022, a UNAPI retornou com as atividades presenciais. No semestre 2022/2 a Unapi ofertou 14 atividades e no semestre 2023/1 houve um aumento e foram ofertadas 18 atividades, todas gratuitas de forma presencial e virtual, divididas em módulos, oficinas e cursos. As presenciais aconteceram no CCJE, no Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), Centro de Línguas, NCD e GAEU. Já as on-lines aconteceram através das plataformas *Google Meet* e *Zoom*. Cada atividade possui um grupo na plataforma *Whatsapp* para informes inerentes à ela. Para além desses grupos, a Unapi também possui um grupo específico para informes do programa, onde se divulga os períodos de inscrições, reportagens e demais informações. Ademais, a Unapi se comunica e divulga sua atuação através de suas redes sociais (*Instagram* e *Facebook*). No período a que se refere, as inscrições para participar da Unapi aconteceram de forma presencial e o programa possuía 260 idosos/as cadastrados/as.

CORDEIRO, Monique Simões¹

MEDINA, Fernanda Pinto¹

OLIVEIRA, Cenira Andrade¹

¹Universidade Federal do Espírito Santo



Figura 1 – Cronograma de atividades do semestre 2022/2.

Fonte: Figura do acervo da UNAPI, 2022.



Figura 2 – Cronograma de atividades do semestre 2023/1.

Fonte: Figura do acervo da UNAPI, 2023.

Ainda no semestre 2023/1 deu-se início à Unapi Itinerante, que através do Edital FAPES N°12/2022 - UNIVERSAL EXTENSÃO levou a oficina Envelhecimento, Saúde e Qualidade de Vida, em conjunto com o departamento de Enfermagem, e o curso de Smartphone, em conjunto com o NCD, para o município de Domingos Martins/ES, atividades realizadas

em parceria com o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Domingos Martins/ES.

Em outubro de 2022, a Unapi apresentou o artigo “Universidade Aberta à Pessoa Idosa: um relato de extensão universitária em tempos de pandemia” no XVII Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS).

Durante os semestres foi possível observar os benefícios das atividades ofertadas pelo programa de extensão no cotidiano dos(as) idosos(as). Cabe ressaltar a importância do programa na luta contra o idadismo, forma de discriminação contra os mais velhos que possui impactos negativos para população idosa, principalmente no que tange à autoestima e saúde mental. O idadismo, conhecido também como ageísmo, refere-se ao ato de “discriminar ou criar estereótipos, em geral negativos, para um indivíduo ou grupo de pessoas, baseado na idade cronológica” (DÓREA, 2021, p.10).



Figura 3 –
Confraternização de
encerramento do
semestre 2022/2.

Fonte: Figura do acervo
da UNAPI, 2023.



Figura 4 –
Confraternização de
encerramento do
semestre 2022/2.

Fonte: Figura do acervo
da UNAPI, 2023.

Figura 5 –
Confraternização de
encerramento do
semestre 2023/1.

Fonte: Fotografia do
acervo da UNAPI, 2022.



Figura 6 –
Confraternização de
encerramento do
semestre 2023/1.

Fonte: Fotografia do
acervo da UNAPI, 2023.



CONCLUSÃO

Concluímos que historicamente a UNAPI tem contribuído para oportunizar o desenvolvimento de ações sócio-culturais que favorecem a construção da sociabilidade da pessoa idosa, além de propiciar o aprofundamento da temática sobre políticas públicas e velhice em diversos espaços. Com a Unapi Itinerante, reconhece-se a importância do retorno das atividades presenciais e afirma-se mais uma modalidade de fortalecimento e ampliação da Extensão Universitária para a importante e necessária interlocução com a comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DÓREA, Egídio Lima. **Idadismo:** Um mal universal pouco percebido. 1. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2021.

- Programa contemplado com bolsa de extensão PROEX no período 2022/2023.

SHOW DE FÍSICA DA UFES

INTRODUÇÃO

O Show de Física da Ufes (www.showdefisica.ufes.br) consiste de apresentação de experimentos de Física em estilo teatral, voltado para estudantes e professores da Educação Básica. O objetivo é promover a popularização e difusão da Ciência, despertar a curiosidade dos participantes e estimular o espírito científico. A apresentação é pautada pela interação da plateia com os experimentos, em uma apresentação de auditório, com 1 hora de duração. Ao final de cada experimento, é feita uma breve explicação dos experimentos e das aplicações no cotidiano do estudante. Explicações mais aprofundadas podem ser feitas a grupos interessados, no formato de oficinas promovidas pela nossa equipe, no retorno à escola. No período restritivo da pandemia, iniciamos o desenvolvimento de atividades voltados para as redes sociais do Projeto e continuamos estas atividades pós pandemia. Gravamos *lives* com apresentação de experimentos, podcasts sobre “Temas atuais da Física” diretamente com o especialista no assunto, para postagem no *Youtube* e *Spotify* do projeto (showdefisica.ufes), e desenvolvemos “Curiosidades da Ciência Física” para postagens no *Instagram* (@showdefisica). O conjunto destas atividades digitais gerou um engajamento de aproximadamente 40.000 curtidas, visualizações, *likes*, acessos, compartilhamentos nas redes sociais do projeto até o presente momento.

OBJETIVOS E PÚBLICO ALVO

Popularizar a Ciência Física visando despertar a curiosidade dos participantes e estimular o espírito científico. Os objetivos específicos são:

- Realizar apresentações do Show de Física dentro e fora da UFES;
- Preparar experimentos para o Show e fazer manutenção nos já existentes;
- Realizar atividades pós-Show para aprofundar o entendimento dos experimentos;
- Produzir curiosidades da Física para o Instagram e gravar podcasts sobre temas atuais da Física para o *Youtube* e *Spotify*;
- Formar estudantes de graduação para atuarem em atividades capazes de despertar o interesse e curiosidade para a Ciência e estimular o espírito científico.

O público alvo externo do Show são professores e estudantes da educação básica. O público alvo interno são alunos de graduação da Ufes.

MÉRITO EXTENSIONISTA

O mérito extensionista do Show de Física está na forma diferenciada de apresentação de sete experimentos das diferentes áreas da Física: Mecânica (banco de pregos e canhão de vórtices), Termodinâmica (congelamento de balões, congelamento de *chips* do tipo fandangos, choque térmico, todos usando nitrogênio líquido), ondas (tubo de Rubens) e eletromagnetismo (bola de plasma). Ela deve ocorrer preferencialmente em um auditório, com duração de uma hora, conduzida por dois locutores que dialogam e integram a plateia à dinâmica da apresentação de forma descontraída e prazerosa. Estas características conferem um estilo teatral à apresentação e ao mesmo

CAMILETTI, Giuseppe Gava
CEVOLANI, Messias Bicalho
ROSARIO, Byanca
PORTELA, Gabriel
CORREA, Gean
FASSARELLA, Amanda
ELI, Raphael
VICENTINI, Isabella
MONTALVO, Pamela
SGARBI, Rafael Eloy
JANUÁRIO, Alryanne
CANDIDO, Samuel
TONIATO, Ana Carolina
DAS NEVES, Elias Miguel
FURTADO, Lucas
DEL PUPPO, Ketlen Carina
Januário

¹Universidade Federal do
Espírito Santo

tempo promovem a interatividade com a plateia. Outros dois integrantes (sonoplasta e backstage) ficam responsáveis pelos efeitos sonoros e luminosos, adicionando o clima do inesperado, do surpreendente e curioso na apresentação dos fenômenos subjacentes aos experimentos (SAAD, 2001). Durante a apresentação, em pequenos *sketches*, são feitos comentários sobre os experimentos, perguntas seguidas de uma breve explicação teórica e comentários sobre aplicações no cotidiano.

O propósito dessa forma de apresentação de experimentos é despertar o interesse e curiosidade para a Física, assim como despertar o espírito científico dos participantes. Hidi e Renninger (2006) sugerem que o interesse do estudante é uma variável capaz de impactar a atenção, a definição de metas e suas estratégias de aprendizagem. E isso impacta diretamente no nível de aprendizado do aluno. O resultado de um levantamento feito com 677 estudantes, sobre o que sentiam durante a apresentação do Show (eles poderiam fornecer mais de uma resposta), mostraram que 478 responderam “surpresa”, 350 “alegria”, 322 “satisfação”, 150 “dúvida”, 77 responderam “tédio” ou “medo”, sugerindo uma contribuindo positiva das atividades aos participantes. Adicionalmente, o desenvolvimento de postagens sobre as “Curiosidades da Física” e gravação de *podcasts* sobre “Temas atuais da Física”, complementam a ações do projeto voltadas para o “mundo digital” buscando despertar a curiosidade dos participantes.

Outra forma relevante de atividades são as desenvolvidas pós-Show, no retorno à escola, quando há interesse e disponibilidade dos participantes. Durante o Show, não são feitas explicações aprofundadas dos experimentos, pois representariam uma quebra na sequência proposta de interatividade e envolvimento dos apresentadores com a plateia, ocasionando a perda do caráter de Show. Assim, essas explicações mais detalhadas ficam para o retorno à escola e com o envolvimento do professor responsável pelo grupo, onde os estudantes são convidados a responderem perguntas sobre o conteúdo relativo ao experimento em discussão, a elaborarem e testarem hipóteses a partir dos experimentos disponibilizados pela equipe do Show. Os professores e estudantes são encorajados também a construírem seus próprios experimentos. Esta dinâmica se assemelha a prática do cientista no seu cotidiano de trabalho e com isso busca-se criar ou despertar o pensamento científico dos participantes. Este conjunto de ações e atividades propostas pelo Show de Física estão alinhadas com o ODS 4 da agenda 2030 da ONU: “Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”.

METODOLOGIA

A escolha dos experimentos leva em consideração o potencial de criação de *sketches* com as seguintes características: 1 – proposição de uma questão curiosa como estratégia para iniciar a dinâmica de apresentação de cada experimento e da posterior discussão do conteúdo de Física; 2

– execução do experimento de forma interativa com a plateia; 3 - aplicação deste conhecimento para explicar fenômenos do nosso dia a dia.

Como exemplo, na *sketch* do experimento com a “bola de plasma”, a equipe convida um voluntário da plateia para “testar a beleza” perante as leis da Física. Ele deve pôr a mão no globo de plasma, que é produzido em uma câmpula de vidro com um gás a baixa pressão, por um gerador de alta frequência e alta tensão. A outra mão segura uma lâmpada fluorescente. É

dito que, se a lâmpada acender, ele será “bonito” perante as leis da Física. O voluntário deve estar eletricamente isolado, garantindo que haja uma diferença de potencial entre o corpo+lâmpada que ele está segurando e o ar. Isso vai garantir que a lâmpada sempre se acenda. Se alguém encostar no corpo do voluntário, a lâmpada se apaga. Em seguida, pergunta-se: “Como é possível acender uma lâmpada nas próprias mãos, sem fios e sem tomar nenhum choque?” Explica-se resumidamente que o contato do voluntário (isolado eletricamente) com o globo faz com que o campo eletromagnético de alta frequência e alta tensão gere uma diferença de potencial entre a lâmpada e o ar, excitando os átomos do gás da lâmpada, fazendo-os emitir luz. Mas, se um apresentador não isolado encostar no voluntário, a diferença de potencial é “aterrada” e a lâmpada se apaga. Por fim, a equipe comenta que esse tipo de circuito é semelhante ao utilizado em torres de transmissão de sinal de rádio, TV e celular.

As apresentações são realizadas pelos alunos de graduação participantes do projeto, demandando ensaios semanais, com o objetivo de ganhar fluidez nas falas e compreender os conceitos físicos subjacentes aos experimentos. Estas atividades permitem aprofundar o entendimento de conceitos Físicos complexos, tendo em vista sua explicação ao público da Educação Básica, contribuindo para a formação dos estudantes envolvidos com o projeto e para a formação em atividades de popularização da Ciência. Os ensaios ocorrem no laboratório do Show de Física, no prédio de laboratórios de Química e Física da Ufes (anexo do IC1 - CCE). A gravação de podcasts sobre “Temas Atuais da Física” consiste de um áudio entre 15 e 20 minutos, diretamente com o pesquisador especialista no assunto escolhido. A estrutura do áudio é composta de uma pergunta inicial, apresentação do objetivo do projeto, seguido de perguntas a serem respondidas pelo entrevistado. Os áudios produzidos até o momento podem ser conferidos no canal do projeto no *Youtube* e no *Spotify* (showdefisica.ufes).

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Desde 2011, quando as atividades do Show de Física tiveram início na Ufes, aproximadamente 30.000 pessoas já assistiram presencialmente as atividades do Show, dentro e fora da Ufes, em escolas e eventos realizados no Estado do Espírito Santo. O Show tem sido apresentado no evento bianual Simpósio Nacional de Ensino de Física, desde 2011 e em todas as edições da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. No ano de 2020, com o advento da pandemia, as interações via redes sociais

(curtidas, visualizações, *likes*, acessos) e trabalhos escolares usando os conteúdos produzidos pelo Show de Física atingiram um público aproximado de 40.000 pessoas. Com o retorno das atividades presenciais, as apresentações do Show retornaram a todo

vapor, de modo que neste ano já atendemos mais 8.000 alunos. Pú- blico muito superior ao período pré pandemico, que era de 4.000 por ano.

Sobre os impactos no público alvo externo ao projeto, uma síntese dos resultados aponta que as atividades de construção e explicação de ex-perimentos vistos no Show são capazes de provocar mudanças na motiva-ção e interesse dos estudantes pela Física, melhoria na relação professor aluno, aumento da participação nas aulas (inclusive de estudantes que não se destacam em aulas tradicionais), persistência dos alunos para a realiza-ção das tarefas, curiosidade para aprender e capacidade para desenvolver experimentos de qualidade (BASSANI *et al.* 2013; TAMIASSO *et al.* 2013).

Em relação ao público interno, até o momento 65 graduandos de diferentes cursos de graduação da Ufes já participaram da equipe de apresentação, sendo a grande maioria como voluntários. Em uma investi-gação (CAMILETTI; COELHO, 2020) sobre os impactos na sua formação acadêmica e profissional, os resultados apontam contribuições nos se-guintes aspectos: 1 - Aprendizagens atitudinais (trabalhar de forma co-laborativa, respeitar diferentes ideias); 2 - Aprendizagens profissionais (saber fazer, saber de conteúdo, saber relacionar-se [estabelecer relações com o outro], saber comunicar, identidade profissional); 3 - Enculturação acadêmica (escrever artigo, apresentar trabalho em evento, analisar da-dos); 4 - Satisfação pessoal em participar do projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CAMILETTI, G.; COELHO, G. **Show de Física: contribuições para formação pessoal, acadêmica e profissional dos mediadores.** Revista Brasileira de Extensão Universitária, v. 11, n. 2, p. 213-225, 21 jul. 2020.
2. BASSANI, N.; TAMIASSO, S.; AMEIXA, G.; GOMES, G.; CAMILETTI, G. - **Investigação da contribuição do Show de Física da Ufes para o aumento do interesse de um grupo de alunos de ensino médio pela Ciência Física** – In: Atas do XX Simpósio Nacional de Ensino de Física, São Paulo, SP, 2012
3. HIDI S & RENNINGER K A. **The Four-Phase Model of Interest Development. Educational Psychologist**, 41(2), 111-127. 2006.
4. SAAD, F. D. **Explorando o Emocional do Visitante Durante um Show de Física.** In: CRESTANA, S. (Org.). Educação Para a Ciência – Curso para Treinamento em Centros e Museus de Ciência. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2001. p. 159-161.
5. TAMIASSO S, SIMAN M, AMBRÓZIO R E CAMILETTI G. **Uma avaliação sobre a opinião e a motivação dos estudantes que participaram de um Show de Física.** In: XI Encontro de Pesquisa em Ensino de Ciências – ENPEC. 10 a 14 de novembro de 2013, Águas de Lindóia – SP. Disponível em <http://www.adaltech.com.br/testes/ixenpec/resumos/R1680-1.pdf>.

- O projeto contou com uma bolsa da PROEx e com suporte financeiro no período 2021/2023, sendo contemplado no edital do CNPq de apoio a atividades da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia.

NARRADORES DA MARÉ

INTRODUÇÃO

Apresentamos aqui as ações de extensão interligadas com o ensino, a pesquisa e a formação de professores/as, seguidas de resultados e produtos educacionais que foram criados em parcerias com escolas e comunidades no período de julho de 2022 a agosto de 2023. Dentre as ações aqui apresentadas algumas estão disponíveis disponíveis tanto no *Blog* como no canal do *Youtube* e nas redes sociais do projeto Narradores da Maré (*Facebook*, *Instagram* e *Spotify*). Vale ressaltar que as ações de extensão aqui evidenciadas foram realizadas a partir da parceria com o Grupo de Pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas/Cnpq, que se mantém desde 2014, possibilitando ações envolvendo o ensino, a extensão, a pesquisa e a formação de professores/as, e, a ampliação das redes educativas e colaborativas do Narradores da Maré, como é o caso das parcerias internas da Ufes, com destaque para o Laboratório de Vídeo (Labvídeo), o Cine Metrópolis e o Laboratório de Ensino e Aprendizagem em Geografia (Leageo), e, parcerias externas, como o Grupo de Pesquisa Ecologias do Narrar, da UFRJ, escolas municipais e comunidades que vivem próximo às áreas de manguezais da Grande Vitória e de manguezais mais distantes.

Dentre as publicações que evidenciam as ações do projeto Narradores da Maré e suas contribuições para a sociedade, inclusive a capixaba, no que tange a uma perspectiva de educação ambiental como prática de liberdade, anticolonial e antirracista, nos espaços-tempos da formação de professores/as e dos cotidianos escolares, destacamos o artigo recentemente publicado, “Criações curriculares com outras ecologias nas redes cotidianas: diálogos amorosos no esperançar por uma educação ambiental antirracista” (GONZALEZ; RAMOS; JESUS, 2023), no qual a autora e os autores enfatizam que o texto objetiva trazer à tona as criações curriculares “a partir de práticas pedagógicas realizadas por meio do Grupo de Pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas e do Projeto de Extensão Narradores da Maré” (GONZALEZ; RAMOS; JESUS, 2023, p. 3).

Com as redes educativas e parcerias internas e externas conseguimos ampliar a divulgação das ações de projeto para a sociedade em geral com a pesquisa, ensino e formação de professores/as, e como forma de dimensionar tal ampliação e abrangência, destacamos aqui o convite que recebemos para participarmos da publicação do “Dicionário de pesquisa narrativa” (2022). Na equipe de organizadoras consta a professora pesquisadora, Patrícia Baroni, líder do Grupo de Pesquisa Ecologias do Narrar (UFRJ) que também é membro do Narradores da Maré. Neste dicionário inédito que reúne 40 verbetes e envolveu 49 pesquisadores/as do Brasil e do exterior, constam dois verbetes: “escrevivência” (RAMOS, 2022) escrito pela professora pesquisadora Andreia Teixeira Ramos, vice-coordenadora do Narradores da Maré, e, o verbete “o outro como legítimo outro” (GONZALEZ, 2022), escrito pelo coordenado do projeto Narradores da Maré. A seguir apresentaremos as ações de extensão e suas relações com o ensino, a pesquisa e a formação de professores/as.

GONZALEZ, Soler
OLIVEIRA, Ana Carla Porfírio de

¹Universidade Federal do
Espírito Santo

IMAGINAMANGUE NOS COTIDIANOS ESCOLARES E NOS MANGUEZAIS DA BAÍA DE VITÓRIA

A ação imaginamangue tem como intencionalidade criar práticas pedagógicas e processos formativos de educação ambiental, comprometidos com a desdomesticação da imaginação, e por quê não, dos sonhos, pensando com Paulo Freire, quando afirma que o sonho e o sonhar são motores da história e que, “não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança (FREIRE, 2015, p. 126). O imaginamangue ocorreu a partir de encontros com marisqueiras e encontros com professores/as em escolas situadas em áreas de manguezais e que procuram o Narradores da Maré em busca de materiais pedagógicos com foco nas memórias e narrativas sobre as práticas comunitárias do morar, pescar, cozinhar e as relações cotidianas com os manguezais. A ação intitulada imaginamangue foi realizada de julho a novembro de 2022 em escolas duas escolas da rede de ensino de Vitória situadas em áreas de manguezais, uma no turma matutino com o 5º ano composta por 27 estudantes e que elaborou cinco episódios, e, uma escola do turmo noturno com todas as turmas da Educação de Jovens e Adultos, que registrou suas experiências com o Projeto Horta Escolar.

No contexto comunitário o imaginamangue aconteceu a partir das redes colaborativas do Narradores da Maré e que envolveu o Labvídeo da Ufes, o projeto pedagógico e comunitário de Flexal II, intitulado, “Olharpas-sarinho sobre os manguezais, a comunidade e suas ecologias”, o Museu do Pescador da Ilha das Caieiras, e, o Cine Metrópolis da Ufes, onde ocorreu o lançamento da exibição de um dos episódios do imaginamangue, durante a programação do I Seminário: Pesquisa, Extensão e Ensino nas Redes Educativas com outras ecologias, realizado em junho de 2023. A seguir, alguns fragmentos do episódio gravado no Museu Comunitário com a Desfiadeira de siri, Simone Leal, que narrou suas memórias, a vida comunitária, a relação com os manguezais e as artes de cozinhar. Com as práticas pedagógicas, coletivas e dialógicas do imaginamangue desejamos que os/as estudantes e professores/as criassem conteúdos educacionais com imagens, sons e narrativas das narradoras da maré, em forma de vídeo e podcast, potencializando o morar, o pescar e o cozinhar, potencializando perspectivas teóricas e metodológicas de uma educação e de uma educação ambiental, anticolonial, antirracista e como prática de liberdade.

VOZES SUFOCADAS: CONVERSA COM O CACIQUE TONINHO DA ALDEIA TUPINIKIM DE COMBOIOS, ARACRUZ, ES

O Narradores da Maré convidou o Cacique indígena Antônio Carlos, da Aldeia Tupinikim de Comboios, em Aracruz, para conversar sobre os impactos ecológicos e culturais decorrentes da tragédia-crime que ocorreu há sete anos e que suscitou no rompimento da barragem de Fundão em Mariana (MG), ocasionando a contaminação da água, rios e manguezais da Terra Indígena onde vivem. Nessa conversa o Cacique Toninho

narra a relação entre os povos originários Tupinikim e Guarani do ES e a Fundação Renova, assim como os impactos ecológicos e sociais vividos pela Aldeia de Comboios, ocasionados pela contaminação da lama tóxica proveniente da maior tragédia-crime ambiental do país, que foi o rompimento da Barragem de Fundão (Samarco/ Vale e BHP Billinton) no dia 5 de novembro de 2015, em Bento Rodrigues (MG).

X JORNADA INTEGRADA DE EXTENSÃO E CULTURA

Nos dias 21 e 22 de novembro o Narradores da maré esteve presente na programação da X Jornada de Extensão e Cultura promovido pela Proex – Ufes, com o minicurso III Ecologias Insubmissas: educação ambientais, cotidianos escolares e outras ecologias em tempos de pandemia, reunindo 25 inscritos/as. Com o minicurso abordamos o potencial ético, estético, político e pedagógico das educação ambientais e das ecologias que emergem nas redes educativas cotidianas, com práticas pedagógicas realizadas nos cotidianos escolares. Conversamos e problematizamos acerca das diferentes perspectivas teóricas e metodológicas de educação ambiental e as ações de ensino, pesquisa e extensão do projeto Narradores da maré realizadas desde 2014. No final do minicurso realizamos uma visita ao Galpão das Paneleiras de Goiabeiras.

I SEMINÁRIO: PESQUISA, EXTENSÃO E ENSINO NAS REDES EDUCATIVAS COM OUTRAS ECOLOGIAS

No dia 05 de junho, Dia Mundial do Meio Ambiente, realizamos o “I Seminário: Pesquisa, Extensão e Ensino nas Redes Educativas com outras ecologias”, com lançamento de livros, apresentação de trabalhos e lançamento no Cine Metrópolis do imaginamangue gravado na Ilha das Caieiras. O Seminário possibilitou ecoar outras políticas de narratividades que visam ampliar as noções de meio ambiente, ecologia e educação ambiental. As mesas temáticas, a programação cultural e os relatos de experiências de professoras/as da Educação Básica semearam possibilidades teóricas, metodológicas, éticas, estéticas e políticas que dialogam com as educação ambientais e as ecologias dos cotidianos escolares, da vida comunitária, e suas relações com as questões étnico-raciais. O Narradores da Maré, em parceria com o Grupo de Pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas, está organizando os Anais deste seminário para divulgar as ações de ensino, pesquisa e extensão que realizam.

26 DE JULHO: DIA INTERNACIONAL DE CONSERVAÇÃO DOS MANGUEZAIS

No Dia Internacional de Conservação dos Manguezais realizamos uma live com Jamilda Bento que é integrante do projeto Narradores da Maré e filha de Paneleira. Na conversa foram abordadas as relações culturais, ancestrais e comunitárias do bairro Goiabeiras com os manguezais, e o fato de que os saberes envolvidos na fabricação artesanal de panelas de

barro foi o primeiro bem cultural registrado, pelo Iphan, como Patrimônio Imaterial no Livro de Registro dos Saberes, em 2002, (IPHAN, acesso em 9 fev. 2017), as relações que envolvem a crise climática e seus diferentes impactos e efeitos quando trazemos à tona as questões de raça e de gênero para esta questão.

CONCLUSÃO

A partir das parcerias e das redes colaboradoras que participaram das ações de ensino, pesquisa e extensão apresentadas acima, envolvendo os manguezais, comunidades tradicionais e escolas, encontramos a possibilidade de afirmar e anunciar nosso comprometimento por uma “educação como prática de liberdade” e problematizadora (FREIRE, 2014, 2015), anti-colonial e antirracista (HOOKS, 2013), amparados nas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que estabelecem as diretrizes e bases da educação nacional, incluindo no currículo oficial da educação básica a obrigatoriedade do ensino do tema da História e cultura afro-brasileira e indígena. Acreditamos que esses anúncios foram alcançados e com eles, desejamos trazer para o debate da educação ambiental capixaba, a perspectiva de uma educação ambiental antirracista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL. **Lei 10.639**, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394 [...] para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro- Brasileira” [...]. Brasília, DF: Presidência da República [2003]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 12 fev. 2023.
2. BRASIL. **Lei 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394 [...] para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro- Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da República [2008]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em: 12 fev. 2023.
3. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 58º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
4. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. 22º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
5. GONZALEZ, Soler. Verbete 'o outro como legítimo outro'. In: Graça Reis; Inês Barbosa de Oliveira; Patricia Baroni. (Org.). **Dicionário de pesquisa narrativa**. 1ed. Rio de Janeiro: Ayvu, 2022.
6. HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
7. NARRADORES DA MARÉ. In: YOUTUBE. [S. I.], [página criada em 2017] 3 fev. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCat6MvayMz7-YRntXS2TxDw>. Acesso em: 12 fev. 2023.
8. NARRADORES DA MARÉ. In: SPOTIFY. [S. I.], [página criada em 2021] Disponível em: <https://open.spotify.com/show/512E8eKQkvNbJxBfLG0Et>. Acesso em: 12 fev. 2023.
9. RAMOS, Andreia Teixeira.; GONZALEZ, Soler; JESUS, Victor de. CRIAÇÕES CURRICULARES COM OUTRAS ECOLOGIAS NAS REDES COTIDIANAS: diálogos amorosos no esperar por uma educação ambiental antirracista. **Revista Espaço do Currículo**, [S. I.], v. 16, n. 2, p. 1–20, 2023. DOI: 10.15687/rec.v16i2.67280. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/67280>. Acesso em: 27 set. 2023.
10. RAMOS, Andreia Teixeira. Verbete 'escrevivências'. In: graça reis; inês barbosa de oliveira; patricia baroni. (Org.). **Dicionário de pesquisa narrativa**. 1ed. Rio de Janeiro: Ayvu, 2023, v., p. 1-358.

- O projeto contou com bolsa PROEX.

ENVELHE(SER) E PROCESSOS PSICOSSOCIAIS

INTRODUÇÃO

Considera-se que o envelhecimento é um processo que ocorre do nascimento até a morte, enquanto a velhice é entendida como uma etapa do desenvolvimento, na qual ocorrem mudanças biopsicossociais (NERI, 2006). O envelhecimento populacional é uma realidade mundial e ocorre a partir da mudança na pirâmide etária, evidenciando maior crescimento da população idosa (ONU, 2020). A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005) aponta que este processo deve ser acompanhado pela melhoria ou manutenção da qualidade de vida, desta forma, a partir do documento “Envelhecimento Ativo: Uma Política de Saúde”, estabelecem-se diretrizes para políticas que visam otimizar as oportunidades de saúde, participação e segurança das pessoas idosas, na busca pela melhoria da qualidade de vida. Ressalta-se que o termo envelhecimento ativo não se refere à capacidade física e à “participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis” (OMS, 2005, p.13).

Outro marco importante para a definição de diretrizes para ações de cuidados à população idosa, foi a realização da Assembléia Geral das Nações Unidas, que estabeleceu o período de 2021 a 2030 como a “década do envelhecimento saudável” (MORSCH; VEGA, 2023). Porém, ainda que leis, políticas e serviços tenham sido desenvolvidos para garantia de direitos e promoção do envelhecimento ativo da população idosa brasileira, processos de marginalização e violação de direitos, ocasionados pelo preconceito etário (etarismo), marcam a vida destas pessoas (FERREIRA; LEÃO; FAUSTINO, 2020). Assim, é essencial o desenvolvimento de políticas voltadas ao envelhecimento ativo e de combate ao etarismo (MORSCH; VEGA, 2023).

Considerando as políticas já existentes, as Universidades Abertas à Pessoa Idosa (UnAPI) se apresentam como programas importantes para o desenvolvimento de atividades voltadas à esta população. Segundo Cordeiro *et al.* (2019), a UNAPI tem por função desenvolver ações gratuitas de educação continuada para a população idosa, possibilitando a constituição de uma Universidade diversificada, haja vista a predominância de jovens e adultos nesse contexto, e evidenciando a insuficiente participação da pessoa idosa neste espaço. O programa se torna um instrumento chave de promoção da cidadania e de redução de preconceitos, uma vez que considera as multiplicidades envolvidas nas, constituindo um espaço coletivo de promoção do envelhecimento ativo (OMS, 2005).

A Psicologia contribui de maneira importante com a UNAPI, tendo em vista que desenvolve estudos e intervenções relevantes na área do envelhecimento. Correa (2016) ressalta que por meio dos conhecimentos da Psicologia é possível o desenvolvimento de intervenções que garantam o bem-estar psicológico e social da população que envelhece, permitindo a criação de espaços de reflexão sobre as diferentes formas de vivenciar a velhice. Para tal, a intervenção psicossocial grupal se mostra como eficaz, tendo em vista que as relações interpessoais, possibilitadas por este método de trabalho, podem auxiliar no enfrentamento de desafios e na descoberta de potencialidades de pessoas que estão na velhice, promovendo saúde integral e bem-estar, e possibilitando a elaboração

TARDIN, Renata Campos¹
SILVA, Thays Hage da¹
REINELL, Roberta Raíza¹
CAMPISTA, Adriana Moratti¹
MARCHIORI, Brenda Oliveira¹
REIS, Ana Clara Lopes Oliveira¹
SARTORIO, Morena de Oliveira¹
SANTOS, Vitor Freitas dos²
GUERRA, Valeschka Martins²
NASCIMENTO, Célia Regina²
Rangel²
CANAL, Claudia Patrocínio²
Pedroza²
CORDEIRO, Monique Simões¹

¹Universidade Federal do
Espírito Santo

de estratégias para enfrentamento do isolamento e de preconceitos (RABELO; NERI, 2013; MIRANDA; BANHATO, 2008).

Segundo o Conselho Federal de Psicologia (2009), a fortificação das relações sociais através dos grupos possibilitam aos idosos interpretar expectativas pessoais e grupais, avaliar as realizações e competências, valendo-se do processo de comparação social e temporal, de tal modo que fortalece a autoestima e concede subsídios para o autoconhecimento. Além disso, a Psicologia deve estar engajada na produção de conhecimentos e educação permanente para idosos e não idosos, possibilitando a redução do etarismo, e a preparação de profissionais para atuação em políticas voltadas ao envelhecimento (CFP, 2009). Com esta perspectiva, o projeto Envelhe(ser) se constitui como um importante espaço de troca, formação, apoio e cuidado.

OBJETIVOS

O projeto “Envelhe(ser) e processos psicosociais” tem como objetivo geral fomentar um espaço de interlocução da Psicologia junto ao envelhecimento, pensando na criação e promoção de estratégias psicosociais diante dos desafios desse processo.

METODOLOGIA

A concretização do projeto se faz possível mediante a parceria com o Programa de Extensão Universidade Aberta à Pessoa Idosa (UNAPI), da Universidade Federal do Espírito Santo. A cada semestre, são disponibilizadas vagas para as oficinas promovidas pela equipe de extensão do Envelhe(ser), a qual foi modificada recentemente (2022/2 - 2023/1). Faziam parte da equipe duas estudantes da Graduação em Psicologia (UFES), que ao se formarem, abriram caminho para a entrada de mais quatro estudantes da Graduação. Somam-se a eles, uma mestrande e uma doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP-UFES), três professoras do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento (DPS-D-UFES), sendo uma delas a atual coordenadora, além de uma mestra em Política Social (UFES), a antiga coordenadora.

A partir da reestruturação do projeto, em 2022/2 foram realizadas oito oficinas semanais, as quais contavam com a presença de, em média, 14 participantes. Nos encontros foram discutidas temáticas como luto, solidão, os impactos da pandemia, relações sociais e emoções. Ademais, aconteceram seis módulos, em formatos de aulas dialogadas e atividades, com média de 12 participantes, abordando temas da Psicologia, Psicologia do Desenvolvimento Humano e Envelhecimento. Em 2023/1, com nova equipe, foram realizadas oficinas quinzenais, que contaram com a presença média de 10 participantes, com discussão de temas de interesse dos idosos. Para estimular a participação e reflexão, os encontros foram planejados de forma dinâmica, com uso de recursos, como: construção de mapas pessoais, atividades musicais, desenhos e cartazes, para dis-

cussão de temas, como: identidade, autoestima, forças de caráter, inteligência emocional, redes de apoio e perdas. Para a condução do projeto, também foram realizadas reuniões de planejamento mensais para elaboração e avaliação das oficinas, além de organização de um grupo de estudos sobre os processos grupais, a literatura acerca do envelhecimento e temas abordados nos encontros.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A parceria entre a UNAPI e o projeto Envelhe(Ser) tem se mostrado potente para a promoção de atividades com foco na qualidade de vida e no envelhecimento ativo dos participantes. Tendo em vista que a UNAPI se configura como um espaço que visa promover cidadania e inclusão à população idosa (CORREA, 2016; CORDEIRO *et al.*, 2019), as contribuições da Psicologia no desenvolvimento de atividades voltadas às questões psicosociais (CFP, 2009), têm sido de grande importância. As intervenções realizadas nos dois semestres possibilitaram espaços para trocas importantes sobre questões que perpassam a vivência da etapa da velhice, possibilitando a exposição de angústias, alegrias e incertezas experienciadas pelos participantes.

No primeiro semestre, ainda marcado pela pandemia de COVID-19 foram trabalhados temas relacionados aos impactos deste momento social, sentidos pelos participantes. Neste momento, o grupo se constituiu como importante espaço para o compartilhamento de experiências e angústias, para a criação de estratégias para lidar com tais questões, e para auxílio no desenvolvimento de formas de autocuidado (MIRANDA; BANHATO, 2008), compondo, assim, a rede de apoio dos participantes. No semestre de 2023/1, privilegiou-se o trabalho voltado ao fortalecimento da identidade e das relações sociais dos participantes. Para tal, as atividades desenvolvidas se mostraram como estratégias importantes para o fortalecimento das interações sociais, desenvolvimento do autoconhecimento e do autocuidado, que são caros ao processo de envelhecimento saudável, como apontam Miranda e Banhato (2008). Além disso, o trabalho sobre relações sociais permitiram a reflexão sobre o lugar e os papéis sociais do idoso na sociedade e nas relações interpessoais que desenvolvem (RABELO; NERI, 2013). Já o trabalho desenvolvido nos módulos permitiu aos idosos estar em contato com um espaço de educação continuada, que se configura como essencial para a inserção da população idosa no contexto universitário, promovendo desenvolvimento cognitivo e social, indo ao encontro do que é preconizado como papel das UNAPIs (CORDEIRO *et al.*, 2019), e da Psicologia (CFP, 2009). Além disso, conhecimentos sobre as vivências da velhice são um passo importante para o combate ao idadismo (FERREIRA; LEÃO; FAUSTINO, 2020; MORSCH; VEGA, 2023).

Diante das ações realizadas pelo projeto é possível afirmar que é estimulado o fortalecimento da identidade dos idosos participantes, atra-

vés da troca de experiências grupais, tanto com seus pares, quanto entre os extensionistas, que compõem outras gerações. Dessa maneira, é possível fortalecer o vínculo intergeracional, possibilitando troca de saberes, e permitindo aos estudantes a construção de habilidades de condução dos processos grupais e de intervenção perante as demandas dos diferentes tipos de velhice. Nesse sentido, busca-se através da coletividade, discutir temáticas de interesse dos idosos, dos seus papéis sociais e contribuir na promoção de qualidade de vida para todos (MIRANDA; BANHATO, 2008; RABELO; NERI, 2013). As ações desenvolvidas permitem ainda aos extensionistas pensarem no papel da Psicologia na velhice e no manejo de grupos, integrando teoria e prática na atuação com esse público, constituindo uma formação profissional qualificada e possibilitando a promoção de uma vida digna (CFP, 2009; CORREA, 2016). É através da construção de um espaço de acolhimento e reflexão sobre os processos psicosociais do envelhecimento que se torna possível a ampliação da formação transdisciplinar, a manutenção de vínculos, a redução de preconceitos e a apostila no coletivo para pensar uma Psicologia do Envelhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, ressalta-se a importância de programas que estimulem um envelhecimento de qualidade para a população idosa, e que promovam a participação destes em espaços universitários, contribuindo para a redução do etarismo e garantindo direitos das pessoas idosas. Além disso, urge que a Psicologia contribua nessa produção, avaliando e aprimorando suas práticas e seu compromisso social diante do envelhecimento. Nesse sentido, o projeto constitui um espaço de formação e contribuição acadêmica e profissional sobre as diferentes velhices.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Envelhecimento e Subjetividade:** desafios para uma cultura de compromisso social. Brasília, DF, 2009.
2. CORDEIRO, Monique Simões et al. **O instrumento grupo no trabalho com pessoas idosas na universidade aberta à pessoa idosa do espírito santo.** In: Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais 2019.
3. CORREA, M. R. **A Psicologia na Universidade Aberta à Terceira Idade:** experiências de atuação com idosos na unati/unesp, campus de assis. Olhar de Professor, v. 19, n. 2, p. 219-227, 2016.
4. FERREIRA, V. H. S.; LEÃO, L. R. B.; FAUSTINO, A. M. **Ageísmo, políticas públicas voltadas para população idosa e participação social.** Revista Eletrônica Acervo Saúde, n. 42, 2020.
5. MIRANDA, L. C.; BANHATO, E. F. **Qualidade de vida na terceira idade:** a influência da participação em grupos. Psicol. pesq., v. 2, n. 1, p. 69-80, 2008.
6. MORSCH, P.; VEGA, E. **O combate ao idadismo no marco da década do envelhecimento saudável.** Oikos: Família e Sociedade em Debate, v. 34, n. 2, 2023.
7. NERI, A. L. **O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento.** Temas em psicologia., v. 14, n. 1, p. 17-34, 2006.
8. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **World Population Ageing 2019.** New York, United Nations, Department of Economic and Social Affairs. 2020.
9. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Envelhecimento ativo:** uma política de saúde. Brasília, DF. 2005.
10. RABELO, D. F.; NERI, A. L. **Intervenções psicosociais com grupos de idosos.** Revista Kairós-Gerontologia, v. 16, n. 4, p.43-6, 2013.

- O projeto contou com bolsa de extensão PROEX no período de 2020-2023.

INFLUÊNCIA DO PROJETO VIDA SAUDÁVEL NA AQUISIÇÃO DE HÁBITOS SAUDÁVEIS DE PARTICIPANTES DA COMUNIDADE INTERNA E EXTERNA DA UFES

INTRODUÇÃO

As doenças e agravos não transmissíveis (DANTs), também conhecidas como doenças crônicas e agravos, não são transmitidos de pessoa para pessoa, sendo de longa duração e progressão geralmente lenta. Os quatro principais tipos de doenças e agravos não transmissíveis são as doenças cardiovasculares, câncer, doenças respiratórias crônicas (doença pulmonar obstrutiva crônica obstrução e asma) e diabetes (WHO, 2023).

Nesse sentido, as DANTs constituem como as principais causas de óbitos no mundo e têm aumentado progressivamente o número de mortes prematuras, a perda de qualidade de vida com alto grau de limitação nas atividades de trabalho e de lazer, além de impactos econômicos para as famílias, comunidades e a sociedade em geral, agravando as iniquidades e aumentando a pobreza (WHO, 2023). No Brasil e no Espírito Santo (ES) ao longo dos últimos 50 anos e a partir da consolidação dos fenômenos das transições demográfica, nutricional e epidemiológica, as DANTs tornaram-se um problema de saúde pública de maior relevância. No Brasil, como em outros países, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as DANTs respondem por mais de 70% das causas de mortes. Segundo a Secretaria de Estado da Saúde (SESA, 2014), a partir do Plano de Ações Estratégicas para Enfrentamento das Doenças e Agravos não transmissíveis no ES, a análise da mortalidade proporcional demonstra inequivocamente a magnitude das DANTs, como o principal componente, ocupando o 1º, 2º e 3º lugares dentre o total das causas de óbito ao longo do período de 1996-20113. O somatório entre os três primeiros componentes expressa à totalidade de cerca de 65% dos óbitos no ano de 2010 (SESA, 2014).

Em geral, essas doenças exigem acompanhamento multidisciplinar permanente, intervenções contínuas e requerem que grandes recursos materiais e humanos sejam despendidos, gerando encargos ao sistema público e social (COELHO & BURINI, 2009). Contudo, seu impacto pode ser revertido por meio de intervenções amplas e custo-efetivas de promoção de saúde, visando à redução das DANTs e de seus fatores de risco pela melhoria da atenção à saúde, detecção precoce e tratamento oportuno. Segundo Winslow (1920) e Sigerist (1946), a promoção da saúde envolve quatro tarefas essenciais da medicina: promoção da saúde, prevenção das doenças, recuperação e reabilitação. Posteriormente, Leavell e Clark (1965), delinearam o modelo da história natural das doenças e apresentaram três níveis de prevenção: primária, secundária e terciária (BUSS, 2003; BRASIL, 2011). Portanto, as medidas para a promoção da saúde no nível de prevenção primária não são voltadas para determinada doença, mas destinadas a aumentar a saúde e o bem-estar gerais (GUALANO; TINUCCI, 2011). Dentro desse contexto, a atenção básica à saúde é um espaço privilegiado para o desenvolvimento das ações de incentivo e apoio à adoção de hábitos

MOURA, Bruno Ribeiro¹
DA VITORIA, Samara Santos¹
MASSA, Pedro Arthur da Silva¹
GUASTI, Eduarda de Paula¹
CALDAS, Leonardo Carvalho¹
LIMA-LEOPOLDO, Ana Paula¹
LEOPOLDO, André Soares¹

¹Universidade Federal do Espírito Santo

alimentares e à prática regular da atividade física.

A atividade física apresenta diversos efeitos benéficos ao organismo, sendo recomendada como uma estratégia de promoção da saúde para a população, podendo ser efetiva tanto na atenção primária quanto secundária e terciária da saúde (SOUZA JÚNIOR; BIER, 2008; MATSUDO, 2006). Atualmente vários estudos têm sido amplamente divulgados e discutidos na literatura científica a respeito dos benefícios da prática de atividade física associados à saúde e ao bem-estar, entre eles, elevação do gasto energético, manutenção e controle do peso corporal, melhora da capacidade cardiovascular e respiratória, assim como a diminuição do estresse, estímulo do convívio social e melhora do funcionamento do sistema imunológico. Portanto, promover a atividade física é uma ação prioritária na promoção de hábitos saudáveis.

OBJETIVO

O projeto de extensão Vida Saudável (PVS), como proposta multidisciplinar, apresentou como objetivo melhorar a qualidade de vida em indivíduos obesos, diabéticos e cardiopatas por meio da promoção de saúde, bem como forneceu importantes subsídios para a implantação de aspectos benéficos como nutrição saudável, análise regular do perfil dislipidêmico e prática de atividade física de forma efetiva. Dessa forma, o papel da reinserção do exercício físico e/ou alimentação na reversão - parcial ou total - da condição patológica induzida pelo sedentarismo também se faz premente, bem como a participação da atividade física e/ou nutrição saudável na atenção primária, secundária e terciária da saúde.

METODOLOGIA

A população selecionada (n=30), faixa etária entre 18 a 60 anos, foi constituída por obesos, diabéticos e hipertensos, provenientes das comunidades interna e externa da UFES. Os participantes foram recrutados por meio de anúncios veiculados nos meios de comunicação (jornal da UFES e televisão de Vitória/ES), bem como divulgação nos diferentes setores da UFES, grupos comunitários do entorno da UFES e de Vitória/ES. Os participantes passaram por avaliações clínicas, estado nutricional por bioimpedância, análise bioquímica e aptidão física antes de ingressarem e a cada 3 meses.

As intervenções físicas foram realizadas nas instalações (quadras poliesportivas, academia, campo de futebol e salas de ginástica) do Centro de Educação Física e Desportos e do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Ciências do Movimento Corporal/NUPEM - CEFD sob a supervisão de profissionais e bolsistas de Educação Física. O programa de treinamento físico foi realizado, quatro vezes por semana, durante 12 meses, duração de 60 minutos e intensidade moderada. A intervenção física foi ministrada de acordo com as recomendações do Colégio Americano de Medicina Esportiva (ACSM) para populações especiais.

As atividades de orientação nutricional foram desenvolvidas por nutricionistas lotadas (os) na Clínica-Escola do Departamento de Educação Integrada em Saúde do curso de Nutrição/CCS/UFES com todos os participantes envolvidos no projeto de extensão, antes da atividade física, uma vez por semana em grupo, com duração programada de 60 minutos, consolidando a característica multidisciplinar do PVS.

As dosagens bioquímicas foram realizadas no início, a cada três meses e ao final do projeto de extensão. As coletas de sangue (4 ml) para análise bioquímica das lipoproteínas de alta (HDL) e baixa intensidade (LDL), triglicérides e colesterol foram realizados no Laboratório de Fisiologia e Bioquímica Experimental do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Ciências do Movimento Corporal (NUPEM) lotado no Centro de Educação Física e Desportos/UFES. Foram realizadas ações educacionais e seminários que visam à aquisição de hábitos saudáveis quanto à nutrição e prática de atividade física, sendo as mesmas ministradas a cada três meses.

RESULTADOS

Observa-se que vários participantes apresentaram melhora dos hábitos de vida saudável (90%) com consequente mudanças na composição corporal, diminuição dos níveis glicêmicos e pressóricos, bem como a aquisição de hábitos nutricionais e melhora do convívio social. Em adição, houve aumento de parâmetros cardiorrespiratórios, impactando diretamente na qualidade de vida da população. Os resultados mostram que mais de 70% dos participantes melhoraram a aptidão cardiorrespiratória e em torno de 60% demonstraram estar mais acessíveis à socialização. O projeto também contemplou três palestras intituladas “Atividade Física e Obesidade”, “Comportamento Sedentário” e Nutrição Saudável”, bem como ações educacionais para combate à Obesidade, Diabetes e Hipertensão Arterial.

Em adição, houve treinamento e formação de recursos humanos, uma vez que já passaram pelo projeto estudantes do curso de Educação Física e Nutrição, totalizando 15 alunos. Nessa etapa do projeto foi realizada a reuniões para fins de treinamento técnico (aferição de pressão arterial, controle glicêmico e mensuração da adiposidade corporal), cursos de capacitação e apresentação de diferentes protocolos de exercícios físicos, bem como orientações nutricionais com especialista parceiro.

Em atendimento à comunidade científica da Instituição, diversos projetos de pesquisas e de ensino foram realizados, bem como novas ideias referentes a área da saúde e protocolos de intervenção física em populações especiais surgiram.

CONCLUSÃO

Em conclusão, o projeto Vida Saudável (PVS) promove diversos aspectos benéficos relacionados à saúde como nutrição saudável e prática de

atividade física, contribuindo sensivelmente para diminuição da mortalidade e aumento da qualidade de vida. Em adição, atua na formação e suporte acadêmico, promovendo a indissociabilidade entre extensão-ensino-pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. WHO. Noncommunicable diseases. [access 2019 April 14]. Available from: <http://www.who.int/en/>
2. SESA. Plano de Ações Estratégicas para Enfrentamento das Doenças Crônicas e Agravos Não Transmissíveis no Espírito Santo, Vitória: SESA, 2014.
3. COELHO, C. F.; BURINI, R. C. Atividade física para prevenção e tratamento das doenças crônicas não transmissíveis e da incapacidade funcional. *Rev. Nutr., Campinas*, v. 22, n. 6, p. 937-946, nov./dez., 2009.
4. WINSLOW, C. E. A. The untilled fields of public health. *Science*; v. 51, n. 23, 1920.
5. SIGERIST, H. The university at the crossroad. Nova York: Henry Schumann Publisher; 1946.
6. ALMEIDA, L. M. Da prevenção primordial à prevenção quaternária. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, Lisboa, v. 23, n. 1, p. 91-96, 2005.
7. BUSS, P. M. Uma reflexão ao conceito de promoção da saúde. In: Czeresnia D, Freitas CM, organizadores. *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003.
8. BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) no Brasil 2011-2022. Brasília: MS; 2011.
9. GUALANO, B.; TINUCCI, T. Sedentarismo, exercício físico e doenças crônicas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 25, p.37-43, dez. 2011.
10. SOUZA JÚNIOR, S. L.; BIER, A. A importância da atividade física na promoção de saúde da população infanto-juvenil. *Revista Digital -Buenos Aires - Año 13 - n° 119 - abril de 2008*.
11. MATSUDO, S. M. Atividade física na promoção da saúde e qualidade de vida no envelhecimento. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 20, p.135-37, set. 2006.

- O projeto contou com bolsa (PROEX) no período 2022/2023 da UFES.

ATENÇÃO À SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

INTRODUÇÃO

O Programa de Extensão Atenção à Saúde Mental de Crianças e Adolescentes atua em situações relativas à saúde mental infantojuvenil desde 2006, quando iniciou seu trabalho no ambulatório de Saúde Mental do HUCAM (Hospital Universitário Cassiano Antônio Moraes), em Vitória-ES. A partir do estabelecimento de um convênio com a Secretaria de Saúde de Serra, em 2014, e do início do trabalho em conjunto à equipe no ambulatório, em 2016, a história do Programa se entrelaça à história do Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSIJ) de Serra, mesmo antes da inauguração de seu espaço físico em 2017. Nesse cenário, ressalta-se a relevância do trabalho da extensão para a composição teórica da atenção e cuidado à infância e adolescência, contribuindo igualmente para os movimentos de reivindicação e consolidação de políticas públicas.

O programa tem como base teórica a Psicanálise, que orienta um direcionamento clínico capaz de contribuir para a reformulação de práticas que historicamente silenciam e tutelam crianças e adolescentes, permitindo que se produzam tensionamentos das práticas no serviço em questão e, consequentemente, novos modos de produção de saúde no município. Assim, a extensão tem como principais objetivos fortalecer um espaço de escuta às crianças e adolescentes inseridas no CAPSIJ, assim como aos seus familiares e responsáveis, e contribuir com a atuação da equipe no serviço, propondo reflexões, diálogos e pesquisas em Psicanálise que enfoquem a clínica transdisciplinar com crianças e adolescentes, a produção de discursos sobre a infância e a adolescência na contemporaneidade e o trabalho na Rede de Atenção Psicossocial. Dar lugar à fala das crianças e adolescentes é o primeiro passo no reconhecimento deste público enquanto sujeitos de direitos, responsáveis por suas demandas (BRASIL, 2005), ainda que necessitem da proteção dos adultos.

Nesse contexto, o trabalho realizado é norteado pela escuta da singularidade desses sujeitos, constituída através da elaboração de suas questões subjetivas. Assim, procura-se propiciar a crianças e jovens espaços para a livre expressão de seus incômodos, impasses e angústias, diante dos conflitos e do sofrimento psíquico que os atravessam. Partindo desse princípio, entende-se a importância da fala e de uma escuta qualificada como aquilo capaz de permitir um reposicionamento subjetivo que modifica o modo de compreensão de si e os laços com o campo social, que, na maioria dos casos, de alguma forma os exclui.

Cabe lembrar que o público-alvo do CAPSIJ são crianças e adolescentes entre zero e dezessete anos, comprometidos psiquicamente ao ponto de terem dificuldades em estabelecer e manter laços sociais. Diagnósticos de autismo e esquizofrenia (psicose), situações de abusos de substâncias e conflitos com a lei estão presentes no cotidiano do serviço.

Os extensionistas do programa vivenciam ações junto à equipe multidisciplinar, participando semanalmente de diversas atividades como acolhimentos, oficinas terapêuticas, estudos de caso, atividades externas, matriciamento, visitas domiciliares e às escolas, atenção diária e reuniões de equipe multiprofissional, nas quais são realizadas a

LUCERO, Ariana¹
MIRANDA, Ana Augusta
Wanderley Rodrigues de¹
PAGOTTO, Isabella Martins¹
GOMES, Sofia de Souza¹
REALI, Victória Giacomini¹
CARVALHO, Lara Rocha de¹
Moraes¹
FIORESE, Julya Célia Vieira¹
SANTOS, Cora Frechiani Lara¹
Leite¹

¹Universidade Federal do
Espírito Santo

supervisão institucional através da discussão de casos clínicos, projetos terapêuticos e estudos teóricos sobre temas advindos da prática diária. Para além do trabalho realizado no campo, os extensionistas participam de supervisões clínicas semanais com a professora coordenadora do projeto e de grupos de estudo voltados para os temas e questões advindos da prática no serviço, estabelecendo uma conexão entre teoria e prática. O Programa oferece, ainda, momentos de formação à equipe do CAPSIJ de acordo com a demanda dos profissionais.

No último ano, o aumento da demanda por atendimentos de crianças pequenas (zero a três anos), diagnosticadas ou com suspeita de Transtorno do Espectro Autista (TEA), junto com a inserção de uma fonoaudióloga no serviço, mobilizaram discussões sobre o papel do CAPSIJ na articulação do trabalho transdisciplinar na clínica com autismo, incluindo, quando pertinente, as escolas de educação infantil. Afinal, as crianças têm sido institucionalizadas e “patologizadas” cada vez mais cedo, o que não é novidade no âmbito escolar e sempre teve impactos sobre a vida de alunos e familiares.

Partindo desta questão, este ano foi proposto um projeto de pesquisa intitulado “Aportes psicanalíticos para a clínica transdisciplinar com crianças”, com o objetivo de refletir sobre as possibilidades de intervenção orientadas por uma escuta psicanalítica fora do setting clínico tradicional, incluindo nesta especificidade as interposições das instituições de saúde e de educação nos encaminhamentos de crianças. Estes encaminhamentos que se dão no interior mesmo dos serviços de saúde, abrangendo a rede de atenção psicosocial, nem sempre contemplam um diálogo com as escolas, mesmo quando se trata de um mesmo público alvo.

A ênfase que temos dado à interface entre psicanálise e educação atesta a interdisciplinaridade inerente a seu próprio objeto de estudo: a infância e a adolescência. Impossível nos dias atuais, conceber uma clínica psicológica ou psicanalítica que não leve em consideração que crianças e adolescentes frequentam escolas, onde aparecem muitas de suas problemáticas bem como de suas soluções. A escola é o lugar onde muitas crianças e adolescentes passam a maior parte do seu tempo, sendo que cada vez mais cedo estão compartilhando este espaço com seus pares. No que tange à transdisciplinaridade, estamos atentos aos saberes produzidos a partir de cada caso, que ultrapassam aquilo que caberia a uma disciplina específica (Passos & Barros, 2000), surgindo das oficinas e práticas, muitas vezes, através da expressão das próprias crianças, adolescentes ou pessoas de seu convívio que não tem formação superior. Para tanto, é preciso uma escuta para além do que é dito. A escuta é a principal ferramenta metodológica do psicanalista, pois ela está em jogo tanto no atendimento clínico quanto nas supervisões. Já a clínica transdisciplinar advém de uma contribuição da análise institucional que tem se mostrado importante para os debates atuais a respeito da dimensão ético-política da atuação profissional do psicólogo nas instituições públicas de saúde e de educação. Essa orientação está presente no Programa de Pós-Graduação

em Psicologia Institucional da UFES que, atualmente, possui três egressas da extensão no curso de Mestrado. O programa de extensão propiciou, também, o desenvolvimento de Iniciações Científicas e a escrita de monografias suscitadas pelo interesse e trabalho em campo dos extensionistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DSM-5. (2014). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** Porto Alegre, RS: Artmed.
2. BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Caminhos para uma política de saúde mental infanto-juvenil.** Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2005. 76 p. – (Série B. Textos Básicos em Saúde).
3. PASSOS, E. & BARROS, R. B. (2000). A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. In: **Psic.: Teor. e Pesq.** [online], vol.16, n.1, pp.71-79.

- O projeto contou com bolsa (PROEX).

PRÁTICA PEDAGÓGICA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios contemporâneos para aqueles/as que, de alguma maneira estão engajados na área da educação em nível superior, talvez seja fomentar e garantir a formação humana, acadêmica e profissional com excelência, articulando a tríade ensino, da pesquisa e da extensão, sem perder de vista o compromisso com a inclusão social, a interiorização, a inovação e o desenvolvimento sustentável da sociedade brasileira de forma justa e igualitária.

Neste contexto, se faz mister compreender as diferentes e diversas dimensões que perpassam a diversidade humana, nas suas mais variadas formas de ser e estar no mundo. Assim, problematizar esse contexto preocupante, apontando possibilidades para a defesa da vida é o que vislumbra o coletivo do projeto “Prática pedagógica de Educação Física Adaptada para pessoas com deficiência”.

Assumimos o compromisso ético-político de promovermos ações sociais de atenção e cuidado para pessoas com deficiência, sempre articuladas a processos de formação inicial e continuada de professores na perspectiva inclusiva, por compreendermos a necessidade de uma mudança paradigmática sobre a forma como socialmente significamos a diferença.

Buscamos atuar em consonância com a missão institucional no sentido de: promover campo de formação na perspectiva da inclusão para os acadêmicos da Graduação e da Pós-Graduação em Educação Física e áreas afins e, também junto às redes ou sistemas de ensino municipal, estadual e nacional; expandir os serviços de Educação Física adaptada para a comunidade em geral; incrementar a prática de pesquisa nesta área de interesse em Educação Física.

METODOLOGIA

O projeto envolve em torno de 200 pessoas por ano, subdivididas da seguinte forma:

- 1. No âmbito da extensão:** 50 jovens, adultos e pessoas idosas com cegueira, baixa visão, deficiência intelectual e autismo, com idade entre 15 e 75 anos. Esse público é organizado em duas turmas: jovens e adultos com deficiência intelectual e autismo; e adultos e idosos com cegueira e baixa visão. Os atendimentos ocorrem semanalmente nas dependências do Centro de Educação Física de Desportos da Ufes (Cefd/Ufes), com uma hora e meia de duração e seguidos de reuniões para avaliação e planejamento das atividades, das quais se destacam Yoga, Ginástica Funcional, Arteterapia, Temas Transversais e atividades de Esporte e Lazer. Além do planejamento, execução e avaliação dessas ações, existe ainda o movimento de construção de mídias digitais para veiculação/divulgação desse trabalho em redes sociais.
- 2. No âmbito do ensino:** 20 acadêmicos do Curso de Educação Física (graduação) e áreas afins.
- 3. No âmbito da pesquisa:** 10 acadêmicos do Curso de Graduação e Pós-Graduação

SÁ, Maria das Graças

Carvalho Silva de

FREITAS, Rayanne Rodrigues de

GAROZZI, Izabella Vighini

GOMES, Pedro Henrique Tecla

da Silva

AZEVEDO, Julia Mofati

¹Universidade Federal do

Espírito Santo

duação em Educação Física. Para além, por meio dos estudos de Pós-Graduação vinculados ao projeto em tela, no ano de 2022, oferecemos formação para 20 professores de Educação Física do município de Teixeira de Freitas/BA e 100 professores do município de Gov. Valadares/MG. Vale salientar a realização do grupo de pesquisa vinculado ao projeto, responsável por conceber estudos que difundem o conhecimento sobre a área, a partir da elaboração de ICs, TCCs, monografias, dissertações, teses e artigos regularmente publicados em anais de Congressos e/ou Revistas.

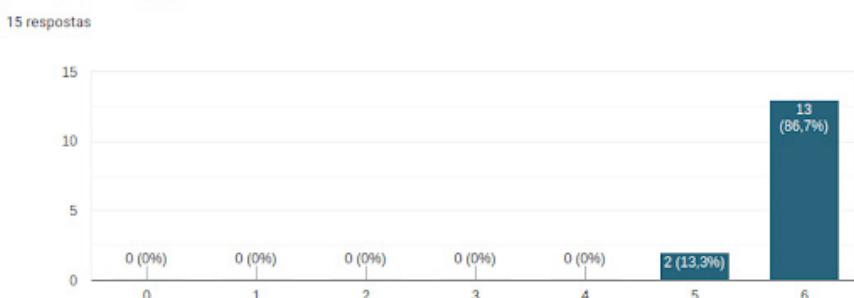
RESULTADOS

Adotando enquanto recorte temporal o primeiro semestre de 2023, realizamos uma investigação que centrou-se na identificação de possíveis melhorias relacionadas à qualidade de vida/saúde que este projeto de extensão tem proporcionado ao público atendido. A coleta de dados se deu a partir de entrevistas online, realizadas via chamada de vídeo e chamada telefônica, seguindo um roteiro estruturado.

Para efeito de análise, neste resumo optamos por revelar recortes dessas entrevistas, a fim de evidenciar, preferencialmente, as percepções dos/as próprios/as alunos/as sobre suas experiências. Dessa forma, buscamos identificar o nível de possíveis contribuições do projeto em relação ao sentimento geral de bem-estar dos/as alunos/as. Em uma escala de 0 a 6, cada pessoa foi convidada a classificar seu sentimento geral de bem-estar após a sua participação no projeto. O resultado foi o seguinte:

Gráfico 1 - Sentimento geral de bem-estar após a participação no projeto – grupo de pessoas com baixa visão e cegueira

Fonte: Laefa (2023)



No gráfico 1, é possível perceber que 86,7% dos/as participantes do grupo de pessoas com baixa visão e cegueira indicaram o nível 6 da escala, isso corresponde a 13 do total de 15 pessoas. Entre aqueles/as que indicaram um nível menor, encontram-se sujeitos que ingressaram no projeto há um curto período de tempo, à exemplo da aluna Valdinéia, que citou “[...] *tenho me sentido angustiada por estar passando por muitos problemas de família, perdi meu pai e um irmão nos últimos anos. Mesmo não participando a muito tempo [do projeto], poder sair um pouco de casa já me faz muito bem.*” A fala da aluna evidencia a relevância do projeto enquanto ambiente de interação social, atuando diretamente sobre a melhoria de aspectos psi-

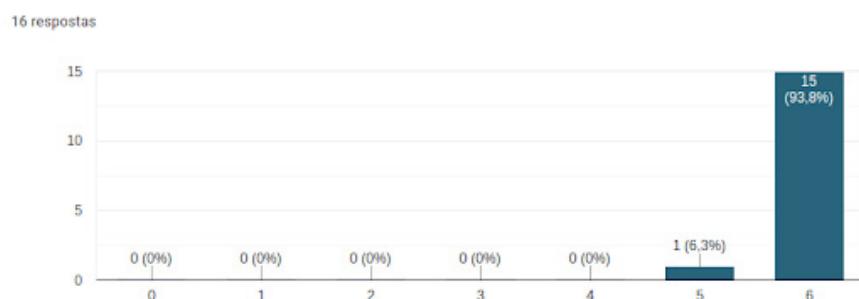
coemocionais dos/as participantes, a exemplo da ansiedade e da angústia supracitada.

A partir da análise dos dados, é possível afirmar que o projeto contribuiu em diferentes áreas do desenvolvimento dos sujeitos, por exemplo: no desenvolvimento da interação social; da autonomia; da autoestima; do autoconhecimento; do autocuidado; na aquisição de novos conhecimentos; no domínio do próprio movimento corporal; entre outros elementos. Dessa forma, com base nos dados da avaliação, conclui-se a importância das aulas para o grupo de baixa visão e cegueira. Tal importância é representada por um expressivo percentual positivo em relação à melhoria do sentimento geral de bem-estar.

Em relação ao público de pessoas com deficiência intelectual e autismo foram obtidos os seguintes resultados:

Gráfico 2 - Sentimento geral de bem-estar após a participação no projeto – grupo de pessoas com deficiência intelectual e autismo

Fonte: Laefa (2023)



No gráfico 2, é possível perceber que 93,8% dos/as participantes do grupo de pessoas com deficiência intelectual e autismo indicaram o nível 6 da escala, isso corresponde a 15 entre as 16 pessoas entrevistadas. Há também indicação no nível 5 da escala. Vale salientar que há sujeitos que ingressaram no projeto há um curto período de tempo. Contudo é possível perceber satisfação em relação às aulas quando a mãe do aluno novo afirma *“Eu percebo o quanto ele tem gostado porque desde a primeira aula ele já saiu contando para todo mundo tudo o que fez. Estava muito feliz. Agora ele já deixa separado tudo que vai usar no dia da aula, com dias de antecedência.”*

Com base nos dados da avaliação, é possível afirmar que o projeto contribuiu em diferentes áreas do desenvolvimento dos sujeitos, implicando diretamente no desenvolvimento da interação social, da autonomia e do sentimento geral de bem-estar do público atendido.

Para finalizar, vale salientar a importância do projeto para a formação inicial e continuada de profissionais para atuar no âmbito da Educação Física. A experiência de participação contribui substancialmente para sua formação em uma perspectiva inclusiva indicando, em sua maioria, avanços consideráveis para lidar com situações que poderão se deparar posteriormente no campo profissional, atendendo as demandas específicas da diversidade humana.

Nesta direção, vale destacar alguns depoimentos dos estudantes da graduação e dos egressos de Educação Física vinculados as ações do projeto, de forma a evidenciar o movimento de a aproximação da teoria com a prática, valorizando, assim, momentos de reflexão crítica acerca da atuação docente, e resultante desse processo, temos a assunção, um comprometimento que vinculado a afetividade que move a todos no percurso formativo, conforme evidenciam as falas a seguir:

Essa troca de experiência para mim é o mais importante, o que mais traz benefício para o nosso dia-a-dia, para a nossa prática. Eu sempre fui muito a favor disso, de formação assim, com trocas de experiências. É exatamente isso que está proporcionando uma segurança maior em intervir, em se aproximar, para entender, para tentar fazer alguma coisa em relação à inclusão com o aluno deficiente. Por que eu achava que era só eu que tinha medo, que tinha insegurança, que não sabia o que fazer. (PEF 09 Gov. Valadares)

Gente, gostaria de agradecer e dizer que é incrível fazer parte de um ambiente tão rico quanto o LAEFA. Hoje eu tava palestrando numa escola e eu não tive como descrever o que a educação é na minha vida. Sem esse espaço de formação certamente eu estaria muito longe do que eu quero para minha vida. Queria deixar minha gratidão aqui e dizer que onde eu for eu vou defender tudo que aqui eu vivo. Foi incrível poder falar para crianças e adolescentes da periferia sobre inclusão, sobre o quanto esse trabalho é potente. Agradecço de coração a cada pessoa do nosso grupo. Sem esse aprendizado e essa vivência certamente eu não iria me conhecer dessa forma tão ampla e passar isso para mais pessoas (BOLSISTA J.)

CONCLUSÃO

Concluímos que o projeto “Prática pedagógica de Educação Física Adaptada para pessoas com deficiência” cumpre com seu objetivo de fomentar ações sociais de atenção e cuidado para pessoas com deficiência, contribuindo de maneira significativa para a melhoria da qualidade de vida desse público, no que tange principalmente a aspectos psicoemocionais, interacionais e de desenvolvimento de sua autonomia.

Concebemos que ações deste mote constituem-se como um instrumento de empoderamento social e consequentemente de emancipação, dando através das práticas corporais, condições para que os/as atendidos/as tornem-se cada vez mais ativos/as e críticos/as no meio social. Concluímos ainda que a participação dos acadêmicos nas atividades de extensão, articuladas ao ensino e a pesquisa contribui substancialmente para sua formação em uma perspectiva inclusiva indicando, em sua maioria, avanços acadêmico-científicos e culturais consideráveis na produção de ações em defesa dos direitos sociais e da inclusão social de todos/as.

OCEANO DIGITAL E A DIVULGAÇÃO DA CULTURA OCEÂNICA

INTRODUÇÃO

Questões desarmônicas nos ambientes costeiros, como a redução de recursos naturais, aumento da poluição pelo descarte inadequado de resíduos sólidos chamam a atenção do público leigo nas diversas mídias (COCCOSSIS, 2004). Todos estes fatores causam preocupação em relação à saúde ambiental de mares e oceanos. Quanto mais a população humana cresce, maior é a interferência negativa antrópica sobre ambientes costeiros e marinho, alterando seu funcionamento, e serviços ambientais como, a regulação climática. Uma das formas de melhorar a interação do desenvolvimento humano na zona costeira é o conhecimento de sua importância e funcionamento que devem ser acessíveis à sociedade em geral e aos tomadores de decisão.

Nesse contexto surgiu o termo Ocean Literacy - Cultura Oceânica que, de origem relativamente recente (2002), nasceu da união de cientistas e profissionais da educação para desenvolver recursos pedagógicos para o ensino das ciências do mar. Outro momento importante foi o anúncio, em 2017, da Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável (2021 a 2030) pelas Nações Unidas. A meta dessa década é mobilizar a comunidade científica, legisladores, setor privado e sociedade civil para um programa de pesquisa conjunta e inovação tecnológica, tendo como um dos objetivos disseminar a importância desses ambientes para que sejam valorizados. Essa década surgiu em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, principalmente com o ODS 14, Vida na Água, que visa conservar e promover o uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos.

A divulgação das informações das ciências do mar para a sociedade também pode ser considerada um processo de alfabetização. Segundo Paulo Freire, a alfabetização é um processo que permite conexões entre o mundo em que vivemos e a palavra escrita. Assim, podemos utilizar esse conceito para a alfabetização científica, que acontece quando o indivíduo tem acesso aos conhecimentos e descobertas científicas e consegue fazer conexões com o mundo a seu redor. Neste sentido, a alfabetização científica relacionada à cultura oceânica permite que o indivíduo seja conhecedor do oceano e capaz de tomar decisões informadas e responsáveis sobre o oceano e seus recursos (SANTORO *et al.*, 2017).

Como estamos no início da Década do Oceano, a cultura oceânica é um dos pilares da alfabetização oceânica. O oceano é um dos ecossistemas mais importantes para a manutenção da vida na Terra, e atualmente, pouco se fala sobre ele nos ensinos formal e informal. Neste sentido, torna-se primordial que o ensino da cultura oceânica seja inserido no dia-a-dia das pessoas, evidenciando a ciência como elemento presente em suas rotinas. Quanto mais incorporadas no dia a dia das pessoas, maior é a efetividade da alfabetização científica.

Desta forma, redes sociais são fortes disseminadoras de informação, já que transmitem diversos conteúdos com rapidez. Segundo relatório da *We Are Social* e da *Hootsuite*,

ANDOLPHI, Maria Eduarda Bissoli¹
ABREU, Juliana Silva de¹
ARAÚJO, Samanta Chiste de¹
BRAGA, Adriane Araújo¹
SÁ, Fabian¹
ZAPPES, Camilah Antunes¹

¹Universidade Federal do Espírito Santo

te, os brasileiros passam em média 9 horas por dia conectados à internet. Tais mídias são um espaço essencial para as atividades de divulgação científica, sendo utilizadas para a disseminação da alfabetização científica por educadores como fonte cada vez mais confiável de informações (LÓPEZ-GOÑI, SÁNCHEZ-ANGULO, 2017). Assim, a alfabetização científica sobre a cultura oceânica a partir de mídias sociais é um poderoso recurso para a implementação da Década da Ciência Oceânica contribuindo para o desenvolvimento sustentável. Nesse contexto, o objetivo deste projeto é promover a alfabetização científica digital sobre a Cultura Oceânica ao público em geral, como parte da Agenda 2030, unindo os conhecimentos científicos aos populares de comunidades tradicionais do Espírito Santo (ES), Rio de Janeiro (RJ) e Paraná (PR), áreas de atuação da equipe.

MÉTODOS

A fim de promover a Cultura Oceânica e incentivar a conservação dos ambientes costeiro e marinho são realizadas ações extensionistas do projeto por meio do uso de ferramentas digitais do Grupo de Pesquisa do CNPq – ‘Ecologia Humana do Oceano’ em website educativo (<https://www.ecologiahumana.info>), plataformas de compartilhamento de vídeos (Grupo Ecologia Humana do Oceano - <https://www.youtube.com/c/GrupoEcologiaHumana>) e perfil da rede social Instagram (@ecologia_humana_oceano / @labinmar / @grupo_lijomar) (Figura 1); além de programa de rádio (Figura 2).

Figura 1 - Canais de comunicação das ações extensionistas de popularização da Cultura Oceânica em Website www.ecologiahumana.info, plataforma de compartilhamento de vídeos e animações do Grupo de Pesquisa Ecologia Humana do Oceano e principal perfil de Instagram do projeto (@ecologia_humana_oceano).



Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 2 - Ação extensionista na Rádio Rocket com público de 10 mil ouvintes por minuto, durante 50 minutos, Grande Vitória, estado do Espírito Santo.

Fonte: Arquivo Grupo de Pesquisa Ecologia Humana



Ações de ensino com alunos da graduação em Ciências Biológicas e Oceanografia e estudantes de programas da Pós-Graduação, unidas aos resultados de projetos de pesquisas permitiram a aproximação e diálogo entre tais estudantes, docentes e atores locais de comunidades tradicionais de pesca artesanal e agricultura familiar nos estados do ES, RJ e PR. A partir da junção do ensino, pesquisa e extensão foi possível unir os conhecimentos tradicional e científico e desta forma, confeccionar produtos como, cartilhas, gibis, *folders*, *e-books*, oficinas, jogos *online* e táteis, vídeos, animações e *lives*, sonogramas de fauna marinha; além de postagens diárias em redes sociais.

Antes da produção de cada material, os pesquisadores extensistas do projeto (estudantes bolsistas, voluntários e docentes) buscam a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) para identificar temas transversais que dialogam com assuntos abordados pelos professores da educação básica e Educação de Jovens e Adultos (EJA), principalmente em escolas inseridas em comunidades tradicionais de pesca artesanal e agricultura familiar. Na elaboração do material é utilizada linguagem simples com educação inclusiva a fim de tornar a informação mais acessível à população não especialista em questões socioambientais, desde professores e estudantes da rede básica de ensino à grupos diversos da sociedade como, comunidades tradicionais, sociedade civil, gestão governamental, organizações não-governamentais (Terceiro Setor) e área privada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os conteúdos produzidos são divulgados diariamente e abordam diversos assuntos socioambientais e oceânicos, além de animações infanto-juvenis e vídeos de entrevistas com profissionais da área de Ecologia Humana, Ecologia Marinha, Oceanografia, Ciências Biológicas e afins. O website como uma das ferramentas de divulgação deste material, possui mais de 4.500 acessos e média de 9 minutos de permanência por usuário. Os perfis do *Instagram* somam 4.457 seguidores com 536 postagens fixas. No *Youtube* são 632 inscritos, com 40 vídeos e um total de 140 mil visualizações, em que 34,5% do conteúdo é automaticamente recomendado ao público pela própria plataforma, com uma média de 1.319 novas visualizações por mês. Todo o material produzido está disponível gratuitamente para o público em geral, mas principalmente para que professores da educação básica possam usar em sala de aula.

O material produzido é resultado de projetos de pesquisas do Grupo de Pesquisa Ecologia Humana do Oceano (desde Iniciação científica, monografias, dissertações e teses) em que há a junção do conhecimento tradicional de populações pesqueiras e de agricultura familiar ao conhecimento científico. Esta ‘parceria’ permite o diálogo entre atores locais (principalmente mulheres pescadoras e agricultoras) e estudantes da graduação e pós-graduação da UFES na busca de soluções para problemas

ambientais costeiros locais e regionais. Isso incrementa a participação deste público em processos de decisão governamental e consequentemente contribui no cumprimento dos objetivos da Década do Oceano e Agenda 2030. Diante deste cenário, é importante fortalecer o diálogo entre educadores e atores locais a fim de subsidiar ações conjuntas à população relacionadas à Cultura Oceânica. Ações extensionistas podem contribuir nesta questão, pois é possível relacionar a cultura local ao conhecimento científico permitindo complementação de saberes.

CONCLUSÃO

A fim de que seja efetivo o diálogo entre diferentes grupos sociais é importante que os envolvidos possuam conhecimento sobre os problemas e conflitos da interface continente-oceano. O conhecimento fornecido pela ciência pode empoderar grupos humanos que buscam qualidade ambiental, incrementando sua participação em ações de conservação em seus territórios. Neste sentido, o conhecimento referente à Cultura Oceânica deve ser amplo para permitir que o indivíduo conheça o oceano e os recursos que usamos diariamente dele. A partir dessas informações, o cidadão é capaz de ser partícipe em processos decisórios sobre o oceano. Desta forma, fica evidente a importância da alfabetização científica da Cultura Oceânica por meio de ações extensionistas universitárias.

REFERÊNCIAS

1. COCCOSSIS, H. Integrated coastal management and river basin management. In: **Water, Air & Soil Pollution: Focus**, v.4, n.4-5, p. 411-419, out.-nov. 2004.
2. LÓPEZ-GON, Ignacio; SANCHEZ-ANGULO, Manuel. Social networks as a tool for science communication and public engagement: focus on Twitter. **FEMS Microbiology Letters**, v.365, n. 2, fnx246, jan. 2017.
3. SANTORO, Francesca; SANTIN, Selvaggia; SCOWCROFT, Gail; FAUVILLE, Géraldine; TUDDENHAM, Peter (eds). **Ocean Literacy for All - A Toolkit**. Paris: Unesco Venice Office, 2017.

- O projeto contou com bolsa PROEX Edital PIBEX 2022-2023.

GRUPO DE ESTUDOS ANTIRRACISTA LULA ROCHA

INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos Antirracista Lula Rocha é um projeto vinculado ao Núcleo de Estudos Pesquisa e Extensão sobre Violência, Segurança Pública e Direitos Humanos (NEVI), do Departamento de Serviço Social da UFES (DSS/UFES, 2002). O projeto é resultante de demandas e mobilizações de estudantes do curso de Serviço Social, frente às inquietações que trazem do lugar social que ocupam enquanto estudantes e pesquisadores negros e negras na universidade, e como trabalhadores e trabalhadoras, militantes de movimentos sociais, onde observam lacunas no trato da Questão Étnico-racial na Universidade e no curso de Serviço Social. Tal percepção implica a necessidade de interconexões de seus estudos e produções científicas com a realidade concreta que vivenciam nos extramuros da universidade.

Enquanto estudantes negros, negras e indígenas no curso de Serviço Social da UFES, percebem que no processo de formação não têm nas bibliografias estudadas ao longo da graduação e da pós-graduação autores e autoras negros/as e indígenas. Para tanto, mobilizar o curso Serviço Social, a partir da extensão com um Grupo de Estudos Antirracista, implica a construção de uma agenda na Universidade, em uma perspectiva antirracista que movimente a profissão em direção aos princípios da emancipação humana, com a radical transformação da ordem social, e o vislumbre de uma sociedade igualitária e livre. Tais valores, norteiam o exercício profissional do Serviço Social e são compreendidos em seu referencial teórico-metodológico, técnico-operativo e ético-político. Enfrentar o racismo teoricamente, para superá-lo na realidade, pelo estudo de autores/as negros/as e indígenas antirracistas, tornou-se o desafio maior a que o Grupo de Estudos Antirracista Lula Rocha se propôs.

Frente aos princípios que compõe o Código de Ética Profissional do Serviço Social de 1993 em articulação com uma atuação crítica, esses estudantes apontam que os caminhos emancipatórios da humanidade só poderão ser constituídos se forjados por meio da luta pela eliminação dos processos de hierarquização de opressões, onde se inclui a eliminação do racismo no cerne das estruturas societárias.

Nascido durante a pandemia de COVID-19, ao longo de dois anos de atuação em 2 ciclos de 3 encontros por semestre, o Grupo de Estudos Antirracista Lula Rocha flagrou a necessidade do aprofundamento teórico sobre a Questão Étnico-racial, compreendendo-a como parte intrínseca da formação social brasileira, onde o racismo se constitui e se reproduz de forma histórica, secular e tecnológica, produzindo iniquidades de múltiplas formas, inclusive na universidade.

No lançamento do Grupo foi realizado um documentário com destacadas lideranças do Movimento Negro Capixaba, onde destacou-se a importância de um grupo de estudos antirracista na Universidade e a importância de Lula Rocha para os movimentos sociais.

Assim, o Grupo de Estudos Anirracista Lula Rocha homenageia em seu nome um

SILVA, Lízia De Boni¹
NERY, Jônatas Corrêa¹
BERGER, William¹
SABARÁ, Raquel¹

¹Universidade Federal do Espírito Santo

dos maiores militantes capixaba, dos Direitos Humanos e do Movimento Negro, o Lula Rocha (*in memoriam*), que ao longo de uma vida militante ainda muito jovem, deixou importantes contribuições para a luta antirracista em diferentes setores dos movimentos sociais. Lula Rocha nunca perdeu de vista que o saber produzido na universidade precisa estar à serviço da sociedade brasileira, e, neste particular, à população negra.

Neste sentido nossos estudos apontam cada vez mais a necessidade de valorização de intelectuais, cientistas e pensadores negros/as e indígenas no trato da “questão social” e as suas expressões, da produção do conhecimento, da ciência e da tecnologia que tenham por base valores civilizatórios dos povos negros e indígenas em nosso país.

OBJETIVO

O projeto de extensão “Grupo de Estudos Antirracista Lula Rocha” tem como objetivo adentrar os estudos da Questão Étnico-racial e construir uma agenda de valorização de saberes índio-afrocentrados que articule a comunidade acadêmica, movimentos sociais organizados, povos e comunidades tradicionais e a sociedade em geral. Este objetivo busca a construção de uma universidade que tenha como pauta permanente uma educação antirracista em seu tripé ensino-pesquisa-extensão, e a centralidade na diminuição das iniquidades raciais socialmente constituídas pela articulação de saberes científicos, comunitários e histórico-ancestrais.

METODOLOGIA

O público alvo do projeto são docentes, discentes e técnicos administrativos do curso de Serviço Social e da UFES, comunidade externa e os movimentos sociais em geral. Foram organizados encontros com diversas temáticas que versam sobre a formação social brasileira e a Questão Étnico-racial, objetivando reflexões coletivas e aprofundamento sobre tais questões.

Durante a pandemia de COVID-19, com vistas aos estudos e ao alcance da maior quantidade de participantes possível, os encontros foram realizados de forma remota e mensal, a partir da plataforma *Google Meet*, o que permitiu um número expressivo de participantes em todos os encontros. Cada um deles contou com pelo menos 60 participantes, no formato online, chegando a um limite de 100 participantes em um único encontro. Além da quantidade, a qualidade das discussões e a relevância acadêmica dos conteúdos e mediadores/debatedores, atraíram participantes de todo o país. Dividimos os estudos em 2 ciclos de 3 encontros cada por semestre.

A partir de julho 2022 os encontros passaram a ser presenciais, com um grande encontro demarcando o tema intitulado “Mulheres Negras na Política”, realizado na ADUFES, com a participação de mais de 100 pessoas.

as, entre elas comunidade acadêmica e externa, movimentos negros, de mulheres e autoridades estaduais e municipais.

A articulação deste projeto visa pensar as teorias raciais a partir de autores e autoras negras que debatem a questão étnico-racial na formação social brasileira, atentando-se a observar a postura antirracista de forma interseccional, ou seja, articulando raça, classe, gênero, às questões ambientais, ao lugar do negro no mundo do trabalho, à luta quilombola e indígena, à expropriação secular de territórios negros e indígenas, ao feminismo negro, a política, dentre outras temáticas.

Ao longo do período entre julho de 2022 a agosto de 2023, debateu-se a mulher negra na formação social brasileira por Lélia Gonzalez (2020), sobre a Lgbtfobia e o racismo tendo como referência a autora Audre Lorde (2020), a perspectiva da “escrevivência” de Conceição Evaristo (2019), antirracismo e movimento social negro de Suely Carneiro (2019), mulheres quilombolas e território através de Dealdina (2020), o feminismo negro de bell hooks (2019), dentre outras autoras e autores negros e negras.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

As desigualdades entre brancos, negros e pardos na população brasileira são resultantes da formação social brasileira e características do processo de desenvolvimento do capitalismo neste país. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em seu informativo “Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil”, lançado no ano de 2019, demonstra que as desigualdades sociais no Brasil têm particularidades que estão intrinsecamente ligadas à cor e raça de sua população (IBGE, 2019).

Assim,

racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (ALMEIDA, 2019, p. 22).

O racismo é compreendido como um processo histórico e político, parte da ordem social, que transcende manifestações individuais e é viabilizado na organização política, econômica e jurídica da sociedade capitalista. Neste sentido está intrinsecamente ligado às particularidades do processo de formação social de determinadas sociedades, se expressando e se reproduzindo de diversas formas, de acordo com os tempos históricos.

É a partir de tais premissas que se move o Grupo de Estudos Antirracista Lula Rocha, a partir da necessidade de pensarmos de forma coletiva e articulada com a comunidade os processos que se deram e se dão na produção e reprodução social do racismo, e pensarmos de forma coletiva caminhos para uma atitude antirracista dentro e fora da universidade.

CONCLUSÃO

O projeto de extensão Grupo de Estudos Antirracista Lula Rocha mostrou-se uma ferramenta para a produção e difusão do conhecimento que é produzido no meio acadêmico. Mas, também, proporcionou aos estudantes envolvidos, além do enriquecimento do processo formativo nas suas respectivas áreas, interação com diversos sujeitos, também detentores de conhecimento, desde uma perspectiva índio-afrocentrada. Esses sujeitos são aqueles advindos dos espaços das lutas sociais, que, embora não estejam – necessariamente – presentes no meio acadêmico, produzem conhecimento nas lutas sociais e no enfrentamento das expressões da questão social em seu cotidiano. Neste sentido, o grupo de estudos se tornou também um lugar de encontro entre teoria e prática e celebração de nossas raízes afro e indígenas. Para uma país que viveu 400 anos de escravização negra e indígena e forjou suas instituições numa secular branquitude repleta de privilégios, pautar nossas vozes negras e indígenas na construção do conhecimento, da ciência e da tecnologia pela extensão universitária, não é pouca coisa. O legado de Lula Rocha segue vivo em nossas veias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2019.
2. CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida.** São Paulo: Pôlen Livros, 2019.
3. DEALDINA, Selma dos S. (org.). **Mulheres quilombolas:** territórios de existências negras femininas. São Paulo: Jandaíra, Selo Sueli Carneiro, 2020.
4. DSSO/UFES - Departamento de Serviço Social da Universidade federal do Espírito Santo. **Projeto Político Pedagógico 2002.** Disponível em: https://servicosocial.ufes.br/sites/servicosocial.ufes.br/files/field/anexo/projeto_pedaggico_do_curso_de_servio_social_-_versao_2002_0.pdf. Acesso em 01/07/2023.
5. EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** Belo Horizonte: Mazza, 2003.
6. GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano:** Ensaios, Intervenções e Diálogos Rio Janeiro: Zahar, 2020.
7. HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** 3^a ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019
8. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades sociais por Cor ou Raça no Brasil.** Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em 22 mar. 2023.
9. LORDE, Audre. **Irmã Outsider:** ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

POVOS TRADICIONAIS: DIVERSIDADE E CULTURAS NO CURRÍCULO ESCOLAR

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão universitária intitulado “Povos tradicionais: diversidade e culturas no currículo escolar” (nº 1568) dialogou com profissionais da Educação Básica do município de Santa Teresa, Espírito Santo, sobre o desafio dos currículos escolares em trabalhar a especificidade das relações identitárias e culturais nos contextos de sala de aula. A proposta dialoga com os objetivos do Projeto de Pesquisa “Povos tradicionais: território, identidades, culturas e educações” e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Transdisciplinaridade, Educações, Culturas e Intersetorialidade, com foco no desenvolvimento de ações de formação continuada, no âmbito dos saberes pluriepistêmicos, educações, saberes, culturas, transdisciplinaridade e intersetorialidade, utilizando referencias teóricos e metodologias que garantam práticas de pesquisa alinhadas a outras formas de produção de conhecimentos e epistemologias dos povos originários e tradicionais.

Tendo como foco o currículo escolar a partir da Lei 11.645/2008 e a BNCC (2017), a formação continuada de professores/as oportunizou encontros formativos em diferentes áreas do conhecimento, a saber: Literatura, Artes, Ciências da Natureza, Matemática e Ciências Sociais. Além desses encontros, o seminário de encerramento foi dividido em dois momentos complementares: no primeiro momento, com o compartilhamento de experiências de sala de aula por meio de sessões temáticas e, um segundo momento, com mesa redonda sobre “Experiências interdisciplinares e interculturais na construção do currículo escolar” seguida de visita técnica em uma escola e aldeia indígena, em Aracruz, Espírito Santo. A interlocução entre os/as participantes e as parcerias interinstitucionais potencializaram o diálogo intercultural na expectativa de compreender a função da escola atual num contexto de múltiplas culturas e diversidade e as relações sociais e históricas envolventes.

Atualmente, entendemos que um dos grandes desafios e tarefas da escola contemporânea é proporcionar aos/as estudantes o conhecimento sobre a própria identidade e culturas do seu povo e dos diferentes povos tradicionais que habitam nosso país. A compreensão dessa problemática é fator fundamental para evitar a discriminação e a exclusão escolar e social de pertencentes de outras educação(ões) e cultura(s).

DESENVOLVIMENTO

A legislação em vigor, a saber o Plano Nacional de Educação (PNE) promulgado pela Lei nº 13.005/2014, reitera a necessidade de estabelecer e implantar, mediante pactuação interfederativa (União, Estados, Distrito Federal e Municípios), diretrizes pedagógicas para a educação básica e a base nacional comum dos currículos, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos(as) alunos(as) para cada ano do Ensino Fundamental e Médio, respeitadas as diversidades regional, estadual e local (BRASIL, 2014). Também, as discussões da BNCC (2017), tratam das aprendiza-

MARCILINO, Ozirlei Teresa
SANDRINI, Deiverson Pereira

¹Universidade Federal do
Espírito Santo

gens essenciais que os/as estudantes devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento.

Ainda, orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN), o artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996) prevê:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Destarte, a Lei 11.645/2008 que modifica a Lei nº 11.639/2003, estabelece a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Estes documentos, dentre outros, respaldam a elaboração dos currículos específicos de cada Estado e Município, e nesse sentido, embasou a nossa proposta de formação.

Metodologicamente, o trabalho fundamentou-se em momentos formativos, em que foram apresentados conceitos teóricos e metodológicos para o trabalho com a temática da identidade e diversidade cultural de povos tradicionais que desafiam o currículo escolar, de cada área do conhecimento. A organização e planejamento dos encontros teve colaboração de professoras/es formadoras/es e discentes da Universidade Federal do Espírito Santo, e professoras/es formadoras/es da Universidade Federal de Brasília, do Instituto Federal do Espírito Santo, da Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo, das Secretarias Municipais de Educação de Aracruz e de Santa Teresa e do Polo UAB de Santa Teresa, conforme segue:

Quadro 1 – Cronograma da formação continuada

| DATA | LOCAL | ATIVIDADE |
|----------------|----------------------------|---|
| 25 de Março | Polo UAB de Santa Teresa | Encontro 1: Currículo e relações identitárias e culturais Ozirlei Teresa Marcilino (Ufes) |
| 12 de Abril | Plataforma RNP_Polo UAB | Encontro 2: Literatura e relações identitárias e culturais Celso Henrique Siller Baptista (Licenciando em Letras-Português/Ufes) Edite Angeli (Professora e Poetisa Teresense) Andressa Zoi Nathanaelidis (Ufes) |
| 17 de Maio | Polo UAB de Santa Teresa | Encontro 3: Artes e relações identitárias e culturais Paula Cristina Pereira da Silva (Ufes) |
| 08 de Julho | Plataforma RNP_Polo UAB | Encontro 4: Ciências da Natureza e relações identitárias e culturais Adriana Vitoriano Barbosa (Semed/Aracruz) |
| 26 de Julho | Polo UAB de Santa Teresa | Encontro 5: Matemática e relações identitárias e culturais Ciclo formativo “Povos originários: diversidade e cultura do currículo escolar” Fabrícia de Jesus da Silva (Ifes) Ana Paula Azevedo Moura (Sedu/Ifes) |
| 08 de Agosto | Plataforma RNP_Polo UAB | Encontro 6: Ciências Sociais e relações identitárias e culturais Ciclo formativo “Povos originários: diversidade e cultura do currículo escolar” Carina Copatti (Ufes) |
| 16 de Setembro | Polo UAB de Santa Teres | Encontro 7: Seminário de encerramento Ciclo formativo “Povos originários: diversidade e cultura do currículo escolar” 1º momento: Sessões temáticas com Relatos de Experiências de práticas desenvolvidas em sala de aula com a temática “Relações identitárias e culturais no currículo escolar) Ozirlei Teresa Marcilino (Ufes) Andressa Zoi Nathanaelidis (Ufes) Edna da Silva Polese (Ufes) Deiverson Pereira Sandrini (Licenciando de Pedagogia/Bolsista/Ufes) Ana Paula Azevedo Moura (Sedu/Ifes) Franciany Vilela (Semed/Polo UAB Santa Teresa) Silvana Biasutti Lima (Semed/Polo UAB Santa Teresa) |

| DATA | LOCAL | ATIVIDADE |
|----------------|--|--|
| 22 de Setembro | Cabana Central Aldeia Indígena Tupinikim de Irajá e Aldeia Temática Guarani Aracruz/ES | Encontro 8: Seminário de encerramento Ciclo formativo “Povos originários: diversidade e cultura do currículo escolar” 2º momento: Mesa redonda Marli da Penha Vieira Gomes dos Santos (Semed/Aracruz) Rogério Ferreira (UnB) Visita técnica Aldeia Temática Guarani |

Ao longo do desenvolvimento da proposta inicial da formação, fomos contemplados pelo Edital Fapes nº 04/2023 (organização de eventos técnico-científicos/2ª chamada), que por meio do ciclo formativo “Povos originários: diversidade e cultura do currículo escolar”, possibilitou a realização do seminário de encerramento com compartilhamento de experiências, fazeres e saberes entre os participantes e oportunidade de publicação dos relatos em uma coletânea. Assim, unimos as propostas da formação e do ciclo formativo no período de julho a setembro de 2023.

Com destque, as experiências relatadas ao longo dos encontros apresentaram as possibilidades de ressignificar as práticas educativas de sala de aula que visam garantir o direito de todos à educação compreendendo que, assim, trabalhamos a conscientização sobre a discriminação e a exclusão escolar e social que vivem os povos de outras culturas. Aconteceram 6 encontros formativos, sistematizados mensalmente (de março a agosto), presenciais ou por webconferência. Além disso, o seminário de encerramento aconteceu em duas etapas, como segue: o primeiro momento, com os relatos de experiências de práticas de sala de aula dos/as cursistas em sessões temáticas (ST) assim organizadas: ST1: Territorialidade e cultura; ST2: Povos tradicionais; ST3: Identidade. Cada sessão temática teve o acompanhamento de uma comissão científica constituída por uma professora formadora e um/a colaborador/a parceiro/a do processo da formação que avaliou os trabalhos, sugeriu ajustes (quando necessário) e encaminhou para a coordenação da formação organizar a coletânea.

O segundo momento foi organizado de maneira que os/as cursistas pudessem vivenciar a experiência intercultural em outro espaço formativo, qual seja, a Aldeia Indígena Tupinikim de Irajá (cabana central). A programação incluiu recepção, apresentação cultural, mesa redonda sobre interdisciplinaridade e interculturalidade, almoço coletivo e visita técnica a aldeia temática, da etnia Guarani. Na figura 1, o QR Code que mostra uma parte desse segundo momento, de maneira dinâmica.

Figura 1 - Seminário de encerramento_segundo momento

Fonte: Relatório final da formação, PROEX (2023)



O trabalho formativo considerou, em todos os momentos, a função da escola atual em contextos múltiplos, a partir de um diálogo intercultural, e de forma relevante o processo de (re)construção dos currículos escolares.

CONCLUSÃO

O resultado da formação apresentou práticas de sala de aula, a partir de reflexões próprias dos contextos educacionais e sociais vividos de saberes tradicionais das culturas e da diversidade. As relações dialógicas estabelecidas com essa formação oportunizaram a todos/as envolvidos/as conhecer as experiências e dificuldades em relação aos processos de ensino e de aprendizagem em diferentes contextos.

Entendemos que a temática deste projeto de extensão é relevante no âmbito do conhecimento de forma abrangente e principalmente no que se refere ao Estado do Espírito Santo, pois trata de um Estado que possui uma considerável presença de povos indígenas em seu território, especialmente no município de Aracruz. No que tange ao município de Santa Teresa que possui o título reconhecido de pioneira da imigração italiana no Brasil (Lei 13.617, de 11 de janeiro de 2017), que reconhece, oficialmente, como Além da cultura tradicional italiana, possui também uma importante colonização de poloneses, alemães, pomeranos, dentre outros povos que habitaram e habitam o município.

Dessa maneira, como resultados verificados, a problematização da implementação das Leis nº 11.639/2003 modificada pela Lei 11.645/2008 que estabelecem as diretrizes e bases da educação nacional, sobre a inserção dos povos tradicionais no currículo escolar oficial das redes de ensino. Outro resultado alcançado foi a submissão de um artigo à Jornada Internacional de Iniciação Científica e Extensão Universitária - JIICEU, que acontecerá entre os dias 28 e 30 de Novembro de 2023, na cidade do Porto, em Portugal.

Para além disso, dialogamos sobre educação escolar e saberes tradicionais em observância às especificidades linguísticas, históricas, culturais, sociais; sobre os saberes próprios e a realidade no/do cotidiano escolar, é uma alternativa de produzir conhecimento sobre a prática pedagógica no ensino, por meio de discussões teóricas e metodológicas para o ensino e aprendizagem em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20/12/96.** Diário Oficial da União. Brasília, DF, 1996.

- Projeto com financiamento parcial da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes), Edital Fapes nº 04/2023.